

PSICOTERAPIA ANALÍTICA FUNCIONAL (FAP): RELAÇÃO DE INTIMIDADE E O MITO DE NARCISO¹

Filipe Augusto Oliveira Silva²

Gleice Maira Ross Raposo³

Lucas de Paula Pereira Freitas⁴

Marcelo de Almeida Nery Coutinho⁵

Maria Eduarda Morraine Almeida dos Santos⁶

Mariana de Almeida Nery Coutinho⁷

Tainara Marchiori dos Santos Pereira⁸

Ricardo Lima de Almeida⁹

Thais Cristina Pereira Ferraz¹⁰

RESUMO:

A presente investigação exploratória, por meio de uma revisão narrativa de literatura, direciona-se a explicar a abrangência da Psicoterapia Analítica Funcional (FAP), ao fornecer uma explanação de prática. Destaca-se o modelo terapêutico denominado como: coragem, amor e consciência (ACL). Busca-se uma compreensão aprofundada sobre como se estabelece a conexão social na prática da FAP. Ressalta-se a relevância intrínseca, em paralelo a uma descrição das cinco regras da FAP. Para essa avaliação foi escolhido o estudo dos mitos associados a analogias, que são descritas pela abordagem da Teoria da Molduras Relacionais (RFT), oferecendo uma

¹ Artigo do Grupo de Estudos do Centro Universitário Academia – UniAcademia (Edital N°04/2023) intitulado “Grupos de Estudos em Terapias Comportamentais Contextuais - GETC”. Linha de Pesquisa: 11.11 Práticas Clínicas.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA)
E-mail: silvafao@gmail.com

³ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA)
E-mail: gleicemross@gmail.com

⁴ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA)
E-mail: lucasppfreitas@icloud.com

⁵ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA)
E-mail: manc.brasil@gmail.com

⁶ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA)
E-mail: mariamorraine.academico@gmail.com

⁷ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA)
E-mail: mariana.a.nery.coutinho@gmail.com

⁸ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA)
E-mail: tainara.marchiori@outlook.com

⁹ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA)
E-mail: ri clima317@gmail.com

¹⁰ Mestra em Ciências em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: thaisferraz@uniacademia.edu.br.

visão ampliada e compreensiva dos comportamentos humanos, por meio de uma história mitológica repleta de metáforas. Ademais, a análise do mito de Narciso permite identificar e compreender os comportamentos clinicamente relevantes presentes nessa narrativa e extrapolá-los para a prática clínica. Esse processo enriquece consideravelmente a compreensão terapêutica e a aplicabilidade clínica dentro da abordagem da FAP, proporcionando um arcabouço robusto para promoção da relação cliente e terapeuta, a partir da intimidade no contexto da clínica.

Palavras-chave: Psicoterapia Analítica Funcional. Relação terapêutica. Conexão social. Intimidade, Mudança clínica.

FUNCTIONAL ANALYTIC PSYCHOTHERAPY (FAP): INTIMACY RELATIONSHIP AND THE MYTH OF NARCISSUS

ABSTRACT:

This present exploratory paper, through a narrative review, aims to explain the scope of Functional Analytical Psychotherapy (FAP), by providing a detailed explanation of its practical application in the clinical context. The therapeutic model known as: courage, love and conscience (ACL) stands out in detail. We seek an in-depth understanding of how social connection is established in the practice of FAP. The intrinsic relevance is highlighted, in parallel with a detailed analysis of the five FAP rules. For this presentation, we chose to study the myths associated with analogies, which are described by the theoretical approach of Relational Frames (RFT), offering an expanded and comprehensive view of human behaviors, through a mythological story full of metaphors. Furthermore, the meticulous analysis of the myth of Narcissus allows us to identify and understand the clinically relevant behaviors present in this narrative and extrapolate them to clinical practice. This process considerably enriches therapeutic understanding and clinical applicability within the FAP approach, providing a robust framework for promoting the client and therapist relationship, based on intimacy in the clinical context.

Keywords: Functional Analytical Psychotherapy. Therapeutic relationship. Social connection. Intimacy, Clinical change.

1 INTRODUÇÃO

A Terapia Analítica Funcional (FAP) é uma abordagem clínica que se destaca pela ênfase nas relações interpessoais como veículo de mudança terapêutica. Nesse contexto, o processo terapêutico se baseia na compreensão profunda das interações entre terapeuta e cliente. A proposta do modelo coragem, amor e consciência (do inglês: *Awareness, Courage and Love – ACL*) é central na FAP. Enfatiza a coragem para vulnerabilidade na revelação pessoal e comprometimento com a mudança, o amor para a responsividade interpessoal e a consciência para sensibilidade na interação com o mundo e a autorreflexão.

Esses conceitos são fundamentais para a prática clínica, pois orientam para mudança dos comportamentos clinicamente relevantes. Além disso, as cinco regras da FAP oferecem diretrizes precisas para a aplicação desses princípios no contexto terapêutico. Nesse sentido, considerando o tema do presente estudo, pode-se destacar como a Teoria das Molduras Relacionais (do inglês: *Relational Frames Theory* – RFT), por sua vez, pode oferecer analogias, tais como os mitos, para compreender como os comportamentos humanos são influenciados pelo contexto interpessoal.

Ao analisar o mito de Narciso, pode-se identificar comportamentos clinicamente relevantes que ilustram como a busca por reconhecimento e a falta de responsividade podem afetar profundamente as interações humanas. Esses elementos proporcionam uma base sólida para compreender a dinâmica terapêutica na FAP e sua aplicação prática na transformação do comportamento e da interação interpessoal.

Dessa forma, por meio de uma pesquisa exploratória de revisão narrativa de literatura, busca-se explicar como funciona o processo da clínica na FAP. Para tanto, busca-se descrever o modelo ACL para a FAP; explicitar as cinco regras da FAP; explicar o que é analogia para RFT a partir de descrições sobre a mitologia. Como ilustração, são selecionadas algumas citações do mito de Narciso, observando os comportamentos clinicamente relevantes (CCRs) presentes na história.

2 A TERAPIA ANALÍTICO FUNCIONAL (FAP)

Os seres humanos são sociáveis. De acordo com Holman *et al.* (2017), o estudo sobre a evolução das espécies propõe que a socialização é essencial para a sobrevivência. Os autores apontam o contexto social como principal organizador de conceitos como: “[...] humor; níveis de estresse; bem-estar geral; busca por metas; comportamentos relacionados com a saúde, tais como exercícios e nutrição; sensação de segurança; e senso de self, significado e propósito” (Holman *et al.*, 2017 p. 17).

Esses conceitos serão explicitados ao longo do trabalho. Neste momento, chama-se a atenção para o trabalho dos terapeutas que trabalham com a Terapia Analítico Funcional (FAP). Eles utilizam a análise funcional e conexão genuína para proporcionar mudança a partir da interação entre cliente e terapeuta (Holman *et al.*, 2017). A análise funcional se caracteriza em descrever como ocorre a interação entre

sujeitos, analisar o comportamento e emoções e identificar as relações e os mecanismos implicados em suas questões emocionais e comportamentais (Oshiro; Ferreira, 2021). A conexão genuína se refere a uma relação de confiança e intimidade, onde um revela-se ao outro sem medo de julgamento (Oliveira, 2002 *apud* Vandenberghe; Pereira, 2005).

Dessa maneira, a relação terapêutica na FAP, conforme apontam Braga e Vandenbergue (2006), é pressuposta pelos comportamentos do cliente dentro e fora das sessões de terapia. Assim, dentro dessa relação, o terapeuta categoriza os comportamentos clinicamente relevantes (CCR). Eles se subdividem em três: os comportamentos problema (CCR1), que são aqueles que acontecem em seu cotidiano; os comportamentos de melhora (CCR2), que é a evolução percebida no relacionamento terapêutico e que podem ser benéficos se reproduzidos na vida do cliente fora da sessão; e por fim, os que se configuram pela aplicação nas suas ações e reações (CCR3). Portanto, um dos objetivos da FAP é buscar diminuir CCR1 e aumentar CCR2 e CCR3 (Vandenberghe; Pereira, 2005).

Esse processo é orientado pela interação entre terapeuta e cliente, que são observados como iguais. É o instrumento, a descoberta de CCRs do terapeuta. Assim, a FAP convida-o a observar e garantir que o cliente seja atendido pela abordagem técnica a partir da auto-observação do terapeuta (Holman *et al*, 2017). Se auto-observar nesse contexto, se refere a entrar em contato com comportamentos que podem obstruir a evolução do cliente. O objetivo do terapeuta é então, observar o comportamento do cliente, criar um ambiente terapêutico favorável para evocar mudanças, reforçar seus avanços, olhar a forma como seus próprios comportamentos vão afetar os comportamentos do cliente e lhe oferecer explicações, focando em ajustar as técnicas à relação terapêutica, sem se prender a uma teoria específica (Braga; Vandenberghe, 2006)

Holman *et al* (2017), salientam a importância da criação de um vínculo entre as partes. Esta é a relação terapêutica com o intuito de ser íntima, genuína e autêntica. Todavia, para que isso ocorra, o terapeuta em consonância às premissas da Teoria Analítica Funcional (FAP), age com sinceridade e de maneira genuína sobre essa relação, o que pode ser um pouco desafiador, já que também pode significar revelar questões pessoais mais vulneráveis para os clientes. O terapeuta deve expor questões experienciais verdadeiras no contexto da relação. De forma alguma essa interação deve ser feita sem verdade, pois o cliente é capaz de reconhecer quando

existe a falta dela, o que pode acabar prejudicando não apenas a relação terapêutica, mas o processo, acarretando uma reação contrária à intenção (Holman *et al.*, 2022).

Um exemplo de intimidade na relação é o ambiente terapêutico onde o terapeuta responde com afeição, cuidado e encorajamento à autorrevelação do cliente (Vandenberghe; Pereira, 2005). Vale ressaltar que comportamentos íntimos também envolvem estar aberto à crítica ou punição por parte de outras pessoas e quanto mais frequentemente esses comportamentos foram punidos no passado, mais vulneráveis eles se tornam. Na busca pela intimidade, a vulnerabilidade reforça a relação. Isso quer dizer que, na intimidade é comum a punição do comportamento vulnerável, todavia a chance de um reforçador deve ser elevada para que seja vista como íntima, fazendo com que a intimidade seja sistêmica e evolutiva (Cordova; Scott, 2001 *apud* Vandenberghe; Pereira, 2005).

Braga e Vandenbergue (2006), defendem que primeiramente, a relação terapêutica pode ser considerada como contexto facilitador da intervenção, pois permite uma vivência rica e evolutiva nas reações emocionais entre terapeuta e cliente, por meio da escuta não punitiva. Esta se refere a abertura entre terapeuta e cliente com o passar do tempo priorizando evocar CCR2. A relação terapêutica também é uma estratégia de intervenção em si, pois ao compartilhar o que está sentindo, o terapeuta propicia que o cliente observe que sensação causa nas pessoas em uma situação genuína e intensa. Na FAP existe algumas técnicas que fornecem modelo de condução para ampliar o repertório de vulnerabilidade e responsividade, como o modelo Consciência, Coragem e Amor.

3 O MODELO CONSCIÊNCIA, CORAGEM E AMOR

O modelo consciência, coragem e amor ou modelo ACL (do inglês, *Awareness, Courage and Love*) para análise funcional, é proposto inicialmente por Robert Kohlenberg, Mavis Tsai e colaboradores (Holman *et al.*, 2022). Eles são os desenvolvedores da FAP e trazem um tratamento dentro do modelo analítico-abstrativo, mais condizente com a abordagem de pesquisa moderna da Ciência Comportamental Contextual (CBS).

Dessa forma, após uma série de estudos, se estabelece uma correspondência entre o modelo tradicional analítico-comportamental da FAP, baseado em análises funcionais de comportamentos clinicamente relevantes, e os alvos clínicos

previamente identificados referentes às relações sociais e às dificuldades que envolvem as mesmas. Isso possibilitou formas ainda mais abrangentes de tratamento, bem como a expansão dos conhecimentos relacionados aos fundamentos da FAP (Maitland *et al.*, 2022, p. 102).

O modelo ACL orienta a avaliação do comportamento de cliente e terapeuta na clínica, pela análise funcional de classes funcionais envolvidas no desenvolvimento de relações íntimas. São elas, classes de consciência, de coragem e de amor. Se estabelecem pela ampla investigação científica na área (Holman *et al.*, 2022; Maitland *et al.*, 2022). Com efeito, essa tríade do modelo ACL é fundamentada no processo de relações vulnerabilidade-responsividade, que envolve, de modo geral, as relações estabelecidas entre um falante e um ouvinte. Eles formam a comunidade verbal que é uma instância mais complexa formada pela relação entre falantes e ouvintes de uma cultura. Estar vulnerável e aberto para expressar-se tende a ser reforçado caso o ouvinte demonstre compreensão ou validação mediante ao que foi dito. Se discute, portanto, cada uma dessas classes, bem como as relações existentes entre elas.

3.1 CONSCIÊNCIA

Para a FAP, a consciência diz respeito à habilidade de entrar em contato com o presente. Falantes e ouvintes estabelecem relação funcional entre ambos a partir da comunidade verbal. Desse modo, consciência é a classe de resposta do modelo ACL que envolve dois alvos essenciais: a autoconsciência e a consciência do outro (Holman *et al.*, 2022; Maitland *et al.*, 2022). A primeira se refere a descrição que o falante faz dele mesmo no momento presente e a segunda se refere a descrição que ele faz do ouvinte, ambas ações realizadas no contexto que possibilitam a interação mais genuína. A interação genuína para a FAP se refere a díade: vulnerabilidade e responsividade, ou seja, a habilidade dos sujeitos estarem sensíveis à relação mais próxima.

Essas ações representam três áreas-chave que formam o conceito de consciência. São elas: as “[...] sensações corporais [...], [...] pensamentos e sentimentos do momento presente [...], [...] valores, necessidades, objetivos e identidade [...] e [...] outros (Holman *et al.*, 2022, p. 105). A primeira área diz respeito ao contato com consequências do momento presente, ou seja, consciência contínua e flexível acerca de sensações involuntárias e voluntárias a partir de vivências, sejam

elas, do mundo sob a pele ou por comportamento social (Hayes; Strosahl; Wilson, 2021). A segunda envolve a consciência relativa a valores, necessidades e objetivos enquanto ocorre interação, e explora-se a aprendizagem pelas consequências a longo prazo. Por fim, a terceira área, engloba a consciência no que concerne a outro sujeito, tendo por elementos básicos a tomada de perspectiva, a empatia, a percepção de nuances na linguagem corporal, além da capacidade de realizar perguntas que aumentam a consciência (Holman *et al.*, 2022, p. 105).

A autoconsciência e a consciência do outro possuem os objetivos de construir habilidades de percepção e ação quando se existe a possibilidade para tal. Analisar o efetivo aumento da relação entre sujeitos possibilita que o indivíduo possa agir funcionalmente. Com isso, e em síntese, “[...] a consciência pode ser vista como um comportamento que transforma uma função” (Holman *et al.*, 2022, p. 106).

Menciona-se, portanto, a necessidade do equilíbrio entre a tomada de consciência sobre si mesmo e sobre outrem, pois nos casos em que, por exemplo, o cliente se atente unicamente ao outro, existe a possibilidade de ele próprio não se perceber ao não estar autoconsciente. Processo análogo ocorre quando o foco está exclusivamente em si, desencadeando a ausência de vulnerabilidade e responsividade ao outro. Além disso, a ausência de autoconsciência pode ser prejudicial para a construção de uma identidade, o que se estende às relações sociais. Já em sentido contrário ao caso, o foco demasiado em si faz com que o paciente possa apresentar dificuldades para a construção de intimidade, empatia e responsividade (Holman *et al.*, 2022; Maitland *et al.*, 2022).

3.2 CORAGEM

Para a FAP, a classe coragem está relacionada à expressão de vulnerabilidade (Holman *et al.*, 2022; Maitland *et al.*, 2022). Ela se refere a estar disponível a punição quando se abre ao outro. E, “[...] como vou saber se você é uma das boas pessoas? Você não saberá. Você terá de arriscar” (Cormac; Mccarthy *apud* Holman *et al.*, 2022, p. 99). O modelo ACL propõe uma subdivisão da expressão de vulnerabilidade em três categorias: expressão vulnerabilidade emocional, autorrevelação e solicitação que uma necessidade seja atendida (Holman *et al.*, 2022; Maitland *et al.*, 2022).

A primeira categoria “[...] envolve permitir a si mesmo experienciar vulnerabilidade e emoções em um contexto interpessoal [...]” (Holman *et al.*, 2022, p. 107), esse conjunto de respostas atua na construção de proximidade e intimidade.

Desde a proposta de Darwin [...] de que as emoções são adaptações evolutivas que servem a funções fundamentais da comunicação social, nosso campo alcançou um consenso de que a expressão regulada e autêntica da emoção é benéfica para a interação social em geral [...] e para o desenvolvimento da intimidade em particular, e quando essa expressão é suprimida ou não ocorre, surgem problemas [...] (Maitland *et al.*, 2022, p. 105).

A segunda categoria, por sua vez, está relacionada falar sobre si mesmo, o que inclui pensamentos, sentimentos, memórias, valores e identidade (Holman *et al.*, 2022; Maitland *et al.*, 2022). Essa seria a autorrevelação, que nesse sentido, se refere a identificação do sujeito funcionalmente emitindo um tato (Maitland *et al.*, 2022, p. 106). Tato, conforme Skinner (1945) se refere ao comportamento verbal de investigação sobre a relações do sujeito com o mundo. Na clínica, tanto o terapeuta quanto o cliente podem emitir tatos ao falar de uma situação real própria e observar o quanto pode se abrir sobre ela.

Já a terceira e última categoria envolve a habilidade de expressar, direta ou indiretamente, uma necessidade, o que caracteriza a função pela emissão de um mando (Maitland *et al.*, 2022, p. 106). Conforme Skinner (1945), o mando é o comportamento imperativo de pedir ou solicitar, porém, para a clínica da FAP, a necessidade apresentada pode estar associada a um dos seguintes aspectos principais: solicitação de proximidade, assertividade e estabelecimento de limites, pedido de apoio e requisição de feedback (Holman *et al.*, 2022, p. 108).

A solicitação de proximidade entra no escopo da responsividade, pois influencia o ouvinte a partir de ações vulneráveis do falante. A assertividade se refere a emissão de reforço do ouvinte diante da responsividade do falante. O estabelecimento de limites se refere a redução de reforço do falante diante da responsividade do ouvinte. A requisição de feedback se refere a vulnerabilidade do falante diante da responsividade do ouvinte (Maitland *et al.*, 2022). Destaca-se a coragem como processo de decisão de se abrir para novas relações, sejam elas íntimas e amorosas, de amizade ou de emprego etc. Existem inúmeros receios envolvidos no ato de expressar vulnerabilidade pois está associado a possibilidade de punição diante do outro, sobretudo dada a impossibilidade de controlar o processo.

3.3 AMOR

Uma relação bem estabelecida em termos de amor ocorre quando falante consegue expressar-se com coragem, e ouvinte responde com reforço e estabelece segurança. Mais especificamente, a classe amor faz referência a como o falante responde com coragem ao ouvinte e ele aceita e acolhe com segurança (Holman *et al.*, 2022; Maitland *et al.*, 2022).

Conforme Hayes (2021), a experiência de amar envolve a relação de emoções intensas que é possível controlar a partir da observação própria quando se está com a pessoa que ama. Sentir as emoções e descrevê-las para aprender com elas. O amor é aquilo tudo que foi dito pela comunidade verbal e “[...] observamos muitas vezes o amor como sentimento caloroso, é mais útil observá-lo como algo que está conectado ao que aprendemos a relacionar com o que é valioso”.

O falante escolhe ser amoroso a partir da coragem diante da vulnerabilidade do ouvinte por estar consciente na relação. “É crucial para este processo, aprender a relacionar o significado de ‘ser amoroso’ para você e como você pode aplicá-lo em seus comportamentos (Hayes, 2021). As sensações fisiológicas que o amor evoca são estados dopaminérgicos, sendo assim, quando não há equilíbrio nessa exposição o amor torna-se aversivo (Hayes, 2021). Orienta-se para o agir amorosamente, ou seja, aprender a ser uma pessoa melhor de maneira saudável, construindo uma relação autêntica e íntima (Holman *et al.*, 2022; Maitland *et al.*, 2022).

Aqui existe ainda uma variação da classe “amor”: o amor-próprio. Nela, falante se direciona a si mesmo com coragem e amor, consciente dele mesmo, vulnerável e responsivo diante de si mesmo, processo este, chamado de autocuidado (Holman *et al.*, 2022, p. 112-113).

3.4 RELAÇÕES ENTRE CONSCIÊNCIA, CORAGEM E AMOR

A classe amor estabelece o vínculo com a classe coragem. A relação entre sujeitos cresce quando um se revela corajosamente ao outro com reciprocidade no amor. A coragem inicial é reforçada pela responsividade do outro, promovendo comportamentos mais frequentes de abertura e aproximação. Por outro lado, a falta de resposta pode levar ao fechamento e à diminuição da abertura com pessoas menos responsivas (Holman *et al.*, 2022).

Por sua vez, outra relação se refere a “[...] a autoconsciência e a consciência do outro aumentam o contato com antecedentes importantes para trocas recíprocas de vulnerabilidade [...] e responsividade [...]” (Maitland *et al.*, 2022, p. 107). Assim, a classe consciência envolverá o falante está em contato com o momento e se movimentar corajosamente em direção ao ouvinte no sentido de estar autoconsciente, bem como de se identificar e agir amorosamente e com coragem, atento às necessidades ao estar consciente do outro (Holman *et al.*, 2022, p. 103).

Com isso, surgem de modo natural, mais relações entre as categorias de coragem e as formas de amor. Entre eles a coragem como escolha de experienciar vulnerabilidade associado a prover amor com segurança e aceitação. Se revelar como coragem associado a expressar amor com compreensão, validação e empatia. Ser corajoso ao pedir que uma necessidade seja atendida associado a dar o que é pedido amorosamente. Sobre este último ponto, ressalta-se que dar exatamente o que é pedido nem sempre é algo viável. Entretanto, isso não impede que uma resposta dentro da classe amor seja oferecida, fato que envolve novamente a classe consciência (Holman *et al.*, 2022).

ACL é fornece elementos interpessoais a terapeutas FAP, ou modelos que são avaliados a partir da análise funcional. Da conexão social à relação terapêutica, observa-se que as classes consciência, coragem e amor fazem parte do repertório comportamental, tanto de terapeutas quanto de clientes, o que possibilita que o terapeuta seja um modelo desses comportamentos para o cliente (Holman *et al.*, 2022). Os CCRs apresentados na relação entre terapeuta e cliente, refletem as relações interpessoais fora da sessão de terapia, ao passo que o desenvolvimento de comportamentos de melhoria no contexto terapêutico aumenta a probabilidade que a evolução vá para além das sessões.

Na relação terapêutica a coragem do cliente se expressa pela vulnerabilidade do terapeuta que disponibiliza o acesso a uma parcela de seu íntimo, de modo a direcionar o seguimento das sessões e traçar a condução da situação apresentada da melhor forma possível. Ou seja, estabelecer uma relação envolvendo amor, uma vez que atitudes corajosas mal compreendidas, ou recebidas pelo terapeuta de forma negativa, tendem a desencadear uma redução na frequência da expressão de coragem do cliente na sessão, e, funcionalmente por extensão, em seus relacionamentos do cotidiano.

Com o passar das sessões o terapeuta pode trabalhar para reforçar comportamentos que demonstram melhora no domínio da consciência, da coragem do amor (Holman *et al.*, 2022). Partindo desse fundamento, a tríade apresentada, é uma técnica da FAP com capacidade de auxiliar a condução das sessões terapêuticas a partir de uma construção gradativa do vínculo. Assim, por meio da interação em terapia, é possível construir cenários que reforcem sua reprodução para além do consultório. Modifica-se desse modo, a forma como o cliente interage nas relações de sua vida cotidiana e a maneira como ele se coloca diante das situações aversivas que evitam o relacionamento e desenvolvimento de conexões seguras.

4 AS CINCO REGRAS DA FAP

A FAP é uma abordagem terapêutica que visa auxiliar o cliente a identificar e modificar seus comportamentos clinicamente relevantes (CCRs). Assim, essa abordagem terapêutica tem como objetivo aumentar a frequência da ocorrência dos comportamentos de crescimento ou de melhora (CCR2s e CCR3s) (HOLMAN *et al.*, 2022). Esse crescimento, ou processo de mudança, ocorre essencialmente pela modificação dos CCRs na interação terapêutica. A evolução deste processo, envolve o treino de observação sobre os comportamentos do cliente. Ao descrevê-los como funcionalmente limitantes (CCR1), o cliente aprende comportamentos alternativos que podem mudar essa percepção de limitação (CCR2).

O processo final da terapia promove o que análise do comportamento descreve como generalização, ou derivação, conforme Perez et al 2014, se refere a ampliar o repertório de uma sequência de respostas, anteriormente reforçadas, para outros contextos. Um exemplo de derivação na clínica da FAP é o desenvolvimento de repertórios reforçados na interação terapêutica que podem ser reproduzidos fora do ambiente terapêutico (Holman *et al.*, 2022, p. 121).

Apesar da FAP não ser um estilo particular rígido, mas um processo terapêutico, existem algumas regras para condução e conclusão da terapia. As regras, conforme Matos (2001) são instruções sob o controle de consequências. Dessa forma respostas como obedecer, respeitar e seguir a regra, são consequências apetitosas e, caso a regra não seja seguida em algum nível se estabelece consequências aversivas.

Matos (2001) menciona o exemplo sobre o motorista de trânsito. Para que ele seja qualificado como bom motorista, ele age sob o controle das regras de sinal, de velocidade, de segurança e atenção. São elementos que descrevem como ser o motorista bom, ao seguir as orientações para ser considerado como tal. É evidente que, existem outras implicações envolvidas, tais como: o que é preciso para ser reconhecido como motorista ruim? Qual a sequência de comportamentos o impele de ser considerado como um motorista ruim?

Para que o terapeuta que vai trabalhar com a FAP desempenhe um trabalho satisfatório é indicado utilizar as cinco regras da FAP como um guia que auxilia na interação entre cliente e terapeuta no desenvolvimento de um caminho para a mudança e melhoria contínua (Holman *et al.*, 2022, p. 136).

2.1 REGRA 1: OBSERVAR OS CCRS

A primeira regra da FAP refere-se a observar os CCRs. Essa observação é o primeiro passo para começar a avaliar o padrão comportamental na interação entre cliente e terapeuta, com o objetivo de organizar quais comportamentos são ou não limitantes. Como,

[...] quando você entende quais comportamentos sustentam o cliente e representam crescimento e flexibilidade e quais representam estar preso e não servem a ele, você, naturalmente, tenderá a responder de maneiras que norteiam e suportam os comportamentos mais afetivos. (Holman *et al.*, 2022, p. 122)

Na observação dos CCRs, o terapeuta começa se observar no atendimento com o cliente e por meio das respostas do cliente, traça estratégias para evocar esses CCRs dentro das sessões de terapia (Holman *et al.*, 2022, p. 123).

2.2 REGRA 2: EVOCAR OS CCRS

A segunda regra da FAP refere-se a evocar os CCRs. Essa evocação, iniciada geralmente pelo terapeuta no papel de falante que conduz o cliente a aproximar do que o provoca sensação de conforto e entrar em contato com suas vulnerabilidades. Nesse processo, o terapeuta consciente promove a coragem do cliente quando ele é responsivo por meio de respostas reforçadoras presentes em classes de amor. Isso ajuda o cliente a desenvolver CCR2s mais assertivos (Holman *et al.*, 2022, p. 125).

A partir do desenvolvimento desses novos CCR2s, o cliente começa a ter repertórios comportamentais alternativos, assim, a terapia pode mais uma vez avançar e o terapeuta começa ficar sobre o controle de CCR2s e colocar em extinção os CCR1s.

2.3 REGRA 3: REFORÇAR O CCR2

A terceira regra da FAP refere-se a reforçar o CCR2. Assim como as demais, está alinhada com as boas práticas das terapias comportamentais contextuais por utilizar técnicas de extinção de comportamentos ao invés de técnicas de punição. Relacionamentos em que o falante incentiva e apoia o crescimento do ouvinte promove uma interação estimulante e positiva. O falante que pune o ouvinte com críticas negativas pelos erros, não gera um contexto propício ao bem-estar e desenvolvimento (Holman *et al.*, 2022).

Durante essa etapa, o terapeuta começa a responder de forma diferenciada aos CCRs do cliente, dando destaque aos CCR2s em detrimento dos CCR1s. Assim, o foco dessa etapa é fortalecer e reforçar a ocorrência dos comportamentos que se alinham à redução da frequência de comportamentos considerados limitantes pelo cliente.

O grande desafio dessa regra é saber se os CCR2s estão sendo efetivamente reforçados e, conseqüentemente, os CCR1s estão sendo efetivamente extintos. Para ter certeza devemos seguir para a próxima etapa que é observar o efeito da intervenção terapêutica (Holman *et al.*, 2022, p. 127).

2.4 REGRA 4: OBSERVAR O SEU EFEITO

A quarta regra da FAP refere-se a observar o seu efeito. Basicamente, essa regra lembra o terapeuta de certificar com o cliente se ocorreu alguma evolução ou melhora do comportamento e se a intervenção está funcionando da forma esperada. O reforço e a extinção não são imediatos por isso é necessário a observar a evolução e os efeitos da intervenção ao longo do tempo (Holman *et al.*, 2022).

Se os CCR2s estão se tornando mais frequentes e os CCR1s estão se tornando mais raros, então a terapia está funcionando. Assim, a terapia pode avançar e atingir

o último estágio, que transporta o que foi aprendido dentro da terapia para fora do ambiente terapêutico (Holman *et al.*, 2022, p. 131).

2.5 REGRA 5: PROVER ESTRATÉGIAS DE GENERALIZAÇÃO

A quinta e última regra da FAP refere-se a prover estratégias de generalização. Em síntese, uma terapia só pode ser considerada eficaz quando existe transferência de melhorias do contexto da terapia para todos os contextos relevantes fora do ambiente terapêutico (Holman *et al.*, 2022). Dessa forma,

“[...] o foco da terapia não é apenas mudar o comportamento do cliente na sala de terapia; o objetivo é a mudança do comportamento fora da terapia que seja suficientemente sustentada e durável para que a terapia possa, eventualmente, terminar (Holman *et al.*, 2022, p. 132).”

Apesar das pessoas geralmente não responderem a comportamentos da mesma forma que um terapeuta, o cliente deve aprender a emitir comportamentos de crescimento inclusive fora do ambiente terapêutico. É essa generalização dos comportamentos que se espera do cliente e, uma vez ocorrendo isso, serão naturalmente reforçadas e o cliente estará apto a seguir sua vida sem a presença do terapeuta e da terapia.

2 A ANALOGIA DOS MITOS NOS COMPORTAMENTOS HUMANOS

Os mitos podem ilustrar um conjunto de respostas funcionalmente interligados que fazem parte de um padrão de comportamento. Esse padrão forma o conteúdo total ou parcial da narrativa vivida por personagens fictícios e pode ser relacionado aos seres humanos. A narrativa, conforme Simões e Ferreira (2021), refere-se à complexidade de relações estabelecidas entre histórias. Como exemplo, nas sentenças – “João não consegue um emprego”, “João se sente incapaz”, “João se sente triste” –, existe conceitos que não definem João, porém, orienta sutilmente, qual é a descrição mais próxima de João naquele momento.

As narrativas, são observadas como agrupamentos de frases, textos, palavras, dentre outros, que são relacionadas entre si e passíveis de relações mais complexos (Simões; Ferreira, 2021). As relações entre narrativas, em algum momento, fornecem sentido semântico para a comunidade ou cultura que compartilha do mesmo dialeto

ao responder por comportamento simbólico. Skinner (1945) chamou de comportamento social a interação entre dois ou mais sujeitos por meio do comportamento verbal.

Este, ou comportamento simbólico, é a organização de sons, letras, fonemas, palavras, frase e assim por diante, que fornece ocasião para que a comunicação ocorra (Bertolotti; Rose, 2014). A comunicação viabiliza a interação entre falante e ouvinte na cultura, que forma a comunidade verbal. A reunião de sentido semântico fornece respostas controladas por estímulo apetitoso, que se refere alta probabilidade de voltar a ocorrer novamente.

Os mitos fornecem analogias que podem ser relacionadas a comportamentos humanos. As analogias ou metáforas, conforme Foody *et al.* (2014), estabelecem relações a partir do conteúdo de narrativas. Ou seja, na frase: “João é bravo como um leão”, existem três relações. A primeira se refere a comportamentos agressivos de João, a segunda se refere a voracidade do leão e a terceira se refere a coordenação entre o comportamento de ambos. São relações distintas que fazem sentido, após relacioná-las.

O mesmo acontece com histórias fictícias. O estudo sobre os mitos é chamado de mitologia, que é “[.] a forma que a antiguidade clássica encontrou para explicar os fenômenos da natureza, a criação do universo, dos seres e dos comportamentos humanos” (Krauss, 2016, p.17). Em suma, o comportamento humano, conforme Skinner (1953) é uma constante interação entre sequências de respostas específicas do sujeito que se orienta em seus comportamentos futuros. “[...] O homem se converteu no que é hoje, um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras” (Eliade, 1972, p.13).

Os mitos são metáforas que pode se relacionar a comportamentos humanos. Em muitos cenários da Psicologia, essa metáfora foi associada a comportamentos humanos, ao estabelecer o controle por consequências a partir da coordenação entre a história que está sendo contada e a generalização que ela evoca. A generalização ou derivação, conforme Perez *et al* (2013), refere-se ao processo de extrapolar uma sequência de comportamentos aprendidos por reforço diferencial, para outros contextos.

A construção de narrativas nos mitos envolve a descrição de ações dos personagens e em qual contexto ocorre suas interações. As analogias presentes nos

mitos fornecem ocasião para generalização a partir da interação entre falantes e ouvintes presente nas histórias. Estas histórias passam a ser relações relacionadas a partir da comunidade verbal que as reforçam por fazer sentido semântico e expor comportamentos por meio da mitologia (Bortolotti; Rose, 2014). Assim, os mitos, se tornam parte da cultura e do saber de uma civilização, pois, “[...] faz parte de nossa vida cotidiana como uma das formas indispensáveis do existir humano” (Silveira, 2012, p. 23).

Para a FAP, a perspectiva sobre o existir humano se baseia na interação social e na importância das relações interpessoais na vida de uma pessoa. Ela enfatiza como os comportamentos, especialmente aqueles que ocorrem nas interações sociais, moldam a experiência humana (Holman *et al.*, 2022). Mesmo numa narrativa mitológica, a ideia de aprendizado e formação a partir das interações entre sujeitos pode ser interpretada à luz dos princípios da FAP, enfatizando a importância do contexto social na função das relações humanas. A partir dessa visão filosófica interacionista, contextualista e analítico funcional, discute-se os mitos, produções humanas que explicitam a analogia entre histórias fictícias e a experiência humana.

2.1 O MITO DE NARCISO: CCR

O mito de Narciso, portanto, tem como intenção, traçar um paralelo entre as movimentações que existem nesta narrativa e ampliar a observação à analogia do sofrimento humano na perspectiva da FAP. Transcrito inicialmente por Ovídio em sua obra *Metamorfose*, a história de Narciso entra na cultura ocidental sobre múltiplas releituras e interpretações desde a apropriação Freudiana do mito até a releitura do poeta Paulo Leminski (Krauss, 2016).

Ovídio ¹¹ conta que Narciso é fruto de um estupro cometido pelo deus Cefiso a sua mãe a ninfa Liriope, e fica predestinado desde antes do nascimento a nunca ver sua imagem. Enquanto cresce Narciso se torna a pessoa mais bela, interessante, sensual e envolvente, esse conjunto de comportamentos é reforçado pela sua cultura. Desde seu nascimento todos os que o conheceram lhe informaram disso, logo, como o mais belo e interessante nunca se viu interessado em outro e “[...] torna-se muito belo e apaixonou diversas moças e rapazes [...]” (Krauss, 2016, p. 19).

¹¹ A morte de Narciso – Haroldo de Campos (tradução das *Metamorfoses* de Ovídio, III, 407-510) (Cesila, 2005)

Quando adolescente Narciso se depara com seu reflexo, visto pela primeira vez. Se apresenta com a forma real do perfeito, ou seja, com descrições robustas sobre como sua figura parece impecável e fonte reforçadora para qualquer sujeito que se aproxime de Narciso. O personagem se fixa em não se vulnerabilizar diante do outro e a ser responsivo, passando dos limites da relação com o outro. Um comportamento esperado por estar distante de classes de amor, coragem e consciência.

Se comportar apenas por classes de consciência é uma ação limitante, porém é a narrativa do belo o reforça, menos que esteja implicado o sofrimento. As movimentações na narrativa de Narciso voltam-se para a recompensa de se alcançar como perfeito.

No mirar-se, admira o que nele admiram
 deseja-se a si próprio, a si mesmo se louca,
 súplice e suplicando, atea o fogo e arde
 Quantos beijos vazios deu na mentira d'água!
 Quantas vezes tentou captar o simulacro
 e mergulho os braços abraçando o nada!
 Não sabe o que está vendo, mas no ver se abrasa:
 o que o ilude seus olhos mais o açula ao erro.
 (Ovídio, p. 93)

Narciso está implicado apenas na coragem de se buscar o que não existe, o ser perfeito. Vê-se nas águas do rio se refletindo e se perdendo na classe de amor por si mesmo. Enquanto se olhava no rio, Narciso deixava de se cuidar, de viver, Narciso sofre. Através de Ovídio, em sua própria fala Narciso expressa o sofrimento,

— Vejo o que amo, mas o que amo e vejo, nunca
 posso tomá-lo, e em tanto erro insisto amando.
 (Ovídio, p. 93)

Ao mesmo tempo que ele é responsivo sobre a sensação de amor que tem por ele mesmo evita entrar em contato com a vulnerabilidade diante do outro,

se rio, sorris; lágrimas respondem a lágrimas,
 se choro; a meu aceno, acena tua cabeça.
 Adivinho palavras em tua linda boca,
 moveis palavras que ao ouvido não me chegam.
 (Ovídio, p.95)

Narciso consegue entrar em contato com padrão comportamental que pode ser descrito como perdido em si mesmo, mas não encontra forma de escapar desse padrão, ele sofre e pede ajuda, mas não a encontra:

Sou eu este outro! Não me ilude imagem fútil.

Queimo no amor de mim, no incêndio que me ateio.
 Que hei de fazer? Rogando, sou rogado. A quem
 e como e como suplicar? A mim cobiço e tenho:
 pobre e rico de mim.
 (Ovídio, p.95)

Nesse mito, Narciso morre num rompante de fúria, ataca a si mesmo e se destrói. Esse ataque é contra ele mesmo, por se perceber imperfeito. Se machuca e se transforma na flor de Narciso. Morre em desespero, sem encontrar saída para uma conexão social satisfatória por está distante da vulnerabilidade diante do outro e por se cobrar tanto em ser perfeito esperando que o outro seja perfeito como ele.

2.2 O MITO DE NARCISO: CCR1

Os comportamentos limitantes de Narciso se repetem, pois, a sua busca é pelo perfeito e não por relações humanas. Entrar em contato com a perfeição é o grande reforçador a longo prazo. Durante toda a sua vida, conforme a história, falantes disseram a Narciso como ele era perfeito. Narciso, no papel de ouvinte, se convence que é perfeito, o mais belo entre todos. O seu reflexo é mais uma analogia guiada pelo mito. Faz referência ao próprio Narciso que se vê como um ser perfeito e sempre está à procura da perfeição em suas relações.

O reflexo no rio faz referência a comunidade verbal a partir da interação dos ouvintes dos falantes. No caso de Narciso, quanto mais ele se olha, mais vê os outros o observando como perfeito. Sua história de vida retrata a aprendizagem pelas consequências reforçadoras envolvidas na perfeição, tais como poder julgar o outro pelo alto padrão estabelecido por ele mesmo. Por conseguinte, quando se vê imperfeito, sofre. A história preestabelece aversão a estar vulnerável, pois nesse estágio ele deve se implicar na abertura para o outro. E isso significa se disponibilizar para o risco da punição, pela responsividade do outro ao delimitar limites.

Os comportamentos de punir e julgar a si mesmo, de Narciso, são representados pelo pouco repertório desenvolvido nas classes de amor, coragem e consciência. Percebe-se que há nesse caso um repertório limitado por parte do protagonista, não submetido ao treino por essas classes. Nesse caso, o Narciso privilegia a consciência sobre si, é responsivo e pode viver amorosamente, porém não se implica na coragem de estar vulnerável. É um comportamento limitante que padece

de repertório alternativo, ou seja, uma nova forma de se expressar diante do ouvinte (Hayes; Strosahl; Wilson, 2021).

Ao olhar para seu reflexo, Narciso apresenta um comportamento limitante (CCR1). O medo de se observar como imperfeito. O mito é um alerta ao comportamento humano, mas também é um relato de sofrimento e angústia que termina em morte. É um aviso sobre como as conexões sociais são importantes para a mudança de comportamento. Mesmo que envolva reforço a ser perfeito, a longo prazo pode contribuir para uma vida limitante. Estar consciente apenas de si dificulta as conexões sociais e genuínas. Narciso morre por evitar entrar em contato com suas imperfeições a partir da dificuldade de não se colocar vulnerável e evitar a responsividade do outro.

2.2 O MITO DE NARCISO: CCR2

A FAP, oferece uma perspectiva sobre a análise funcional do comportamento humano. O comportamento-problema de Narciso, representado pelo olhar incessante para o reflexo com acesso a reforçadores imediatos relacionados ao contato com sua imagem. A FAP, ao enfatizar a importância da análise funcional, visa explorar as funções específicas desse comportamento, identificando padrões comportamentais que possam contribuir para a manutenção do ciclo. Além disso, a FAP pode favorecer a compreensão das contingências sociais e interpessoais que envolvem o comportamento de Narciso, fornecendo base para o desenvolvimento de estratégias terapêuticas voltadas à construção de repertórios alternativos mais adaptativos e, por fim, à busca por uma vida mais significativa.

A compreensão do mito de Narciso à luz do modelo ACL pode proporcionar uma abordagem holística para a transformação terapêutica. A consciência, nesse contexto, refere-se à profunda relação de Narciso com sua imagem e o qual a real natureza do olhar incessante para o reflexo. A coragem torna-se essencial no desafio de comportamentos dessa ordem, exigindo enfrentamento das experiências aversivas subjacentes e a disposição de explorar repertórios comportamentais alternativos. O amor, entendido como compromisso com valores fundamentais e relacionamentos significativos, orienta a transformação, incentivando a busca por uma vida mais autêntica e satisfatória.

Dessa maneira, olhar para o mito de Narciso, de acordo com o modelo ACL da FAP proporciona parâmetros para traçar CCR1s, entretanto não dá margem para observar CCR2s, por se tratar de uma história fictícia que tem um final trágico. Contudo, salienta-se que para a FAP, a modificação do comportamento auxilia na construção de uma vida mais alinhada com os valores e desejos mais profundos do cliente.

O mito de Narciso, ao ser entrelaçado com a abordagem terapêutica da FAP, revela-se um poderoso veículo de transformação. Assim como Narciso se via preso em padrões repetitivos e autodestrutivos, os clientes que buscam a FAP muitas vezes enfrentam padrões de comportamento similares. Estes os mantêm distantes de uma vida mais rica e significativa. A FAP, ao fornecer uma análise funcional profunda desses comportamentos, se torna um espelho terapêutico que reflete a consciência necessária para a mudança.

A FAP não se limita a apontar os comportamentos problemáticos, mas, de maneira colaborativa, trabalha para desenvolver coragem no cliente, encorajando-o a enfrentar experiências aversivas e a experimentar novas formas de agir. Ao mesmo tempo, o amor, expresso na compreensão e compromisso do terapeuta, cria um ambiente terapêutico seguro e solidário. Dessa forma, a FAP emerge como um veículo de mudança, guiando os clientes na superação de padrões repetitivos. Assim como Narciso é desafiado a romper com seu próprio reflexo, rumo a uma vida mais plena e autenticamente vivida.

Dessa forma, pode-se considerar que a relação terapêutica é um agente de mudança tanto para o cliente quanto para o terapeuta, enfrentar os desafios dessa relação e dedicar-se a esse processo requer coragem por ambas as partes. É uma jornada de autodescoberta e crescimento mútuo. A flexibilidade do terapeuta em se adaptar às necessidades do cliente e a coragem em desafiar padrões arraigados enriquecem a relação terapêutica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A FAP emerge como uma abordagem clínica que coloca as relações interpessoais no epicentro da mudança terapêutica. O modelo ACL, não apenas define os pilares fundamentais da FAP, mas também oferece um roteiro essencial para compreender e alterar comportamentos clinicamente relevantes. As cinco regras

da FAP direcionam o terapeuta na aplicação desses princípios, oferecendo uma estrutura precisa para a prática clínica.

A interseção com a teoria das molduras relacionais revela uma compreensão mais ampla sobre como os comportamentos humanos são influenciados pelo contexto interpessoal, ilustrado de maneira vívida pelas analogias presentes em mitos como o de Narciso. Esse estudo não apenas ilustra a dinâmica terapêutica na FAP, mas também estende seu potencial para a transformação do comportamento e das interações humanas.

A análise do mito de Narciso destaca comportamentos clinicamente relevantes, ressaltando a busca por reconhecimento e os impactos da falta de responsividade nas interações humanas. Essa compreensão aprofundada tem implicações significativas para a prática clínica, abrindo portas para aplicabilidades em diferentes cenários terapêuticos e para o desenvolvimento de novas abordagens que ampliem a compreensão dos mecanismos que regem o comportamento humano nas relações interpessoais.

A FAP pode revelar resultados significativos ao explorar a interseção entre coragem, amor e consciência. A compreensão aprofundada desses elementos fundamentais permite a identificação e modificação de comportamentos. As cinco regras da FAP serviram como para delinear como é a aplicação desses princípios no contexto terapêutico. As analogias provenientes da RFT ofereceram um prisma rico para entender como os mitos, como o de Narciso, espelham comportamentos problema presentes nos clientes. Elucida, portanto, seu impacto nas interações humanas. A análise detalhada do mito destacou não apenas os comportamentos problemáticos, mas também os comportamentos clinicamente relevantes, lançando luz sobre áreas específicas para intervenção terapêutica e transformação efetiva na dinâmica interpessoal do cliente.

REFERÊNCIAS

BRAGA, G. L.; VANDENBERGHE, L. Abrangencia e funcao da relacao terapeutica na terapia comportamental. **Estudos de Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 307-314, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Xnk5fdRPkRNGGBWGwQSGjTK/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 out. 2023.

CESILA, R. T. Les belles infidèles. **Revista de tradução Modelo 19**, São Paulo, ano

10, n. 15, p. 91-98, 2005.

BORTOLOTTI, R.; ROSE, J. C, Relações de equivalência como modelo de relações semânticas. *In*: ROSE, J. C.; GIL, M. S. C. A; SOUZA, D. G. **Comportamento simbólico**: bases conceituais e empíricas. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 149-176.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. Tradução de Pola Civelli. São Paulo, 1972.

FOODY, M; BARNES-HOLMES, Y; BARNES-HOLMES D, TÖRNEKE N; LUCIANO, C; STEWART, I; MCENTEGGART, C. RFT for clinical use: The example of metaphor, **Journal of contextual behavioral science**, v. 3, n. 4, 2014, p. 305-313. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2014.08.001>.

HAYES, S. **What most people get wrong about love?** 2021. Disponível em: <https://stevenchayes.com/what-most-people-get-wrong-about-love/>. Acesso em 25 de nov de 2023.

HAYES, S. C.; STROSAHL, K. D.; WILSON, K. G. Terapia de aceitação e compromisso: o processo e a prática da mudança consciente. Tradução: Sandra M. M. da Rosa. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2021.

HOLMAN, G. *et al.* **Psicoterapia analítica funcional descomplicada**: guia prático para relações terapêuticas. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2022.

KRAUSS, A. C. W. *et al.* **O mito de Narciso sob o olhar de Leminski: uma metamorfose lírica**. 2016.

MAITLAND, D. W. M.; KANTER, J. W.; MANBECK, K. E.; KUCZYNSKI, A. M. comportamentos clinicamente relevantes informados pela ciência do relacionamento na psicoterapia analítica funcional: o modelo consciência, coragem e amor. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 100-127, 2022. DOI: 10.18761/PACtrd032022. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/883>. Acesso em: 27 nov. 2023.

MATOS, M. A. Comportamento governado por regras. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 51-66, dez. 2001. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452001000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 nov. 2023.

OSHIRO, C. K. B.; FERREIRA, T. A. S. **Terapias contextuais comportamentais: análise funcional e prática clínica**. Editora Manole, 2021. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786555761870/>. Acesso em: 26 nov. 2022.

PEREZ, W. F.; NICO, Y. C.; KOVAC, R.; FIDALGO, A. P.; LEONARDI, J. L. Introdução à Teoria das Molduras Relacionais (Relational Frame Theory): principais conceitos, achados experimentais e possibilidades de aplicação. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 32–50, 2017. DOI:

10.18761/perspectivas.v4i1.105. Disponível em:
<https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/105>. Acesso em: 27 nov. 2023.

SILVEIRA, C. R.; SAMPAIO, M. A. Das águas míticas do stygian: reflexos da personificação de narciso sobre a sociedade contemporânea. **Revista theoria**. Pouso Alegre, v. 4, n. 11, p.21-36, 2012. Disponível em:
https://www.theoria.com.br/edicao11/das_aguas_miticas_do_stygian.pdf. Acesso em: 28 out. 2023

SIMÕES, A. S.; FERREIRA, T. A. S. Quando o Pensamento Positivo não é o Bastante: O papel do HDML na explicação de comportamentos complexos pela RFT. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 094–104, 2021. DOI: 10.18761/PAC.2021.v12.RFT.13. Disponível em:
<https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/746>. Acesso em: 20 nov. 2023.

SKINNER, B. F. **Science and human behavior**. New York: Free Press, 1953.

_____. **Verbal behavior**. New York: Appleton-Century- Crofts, 1957.

VANDENBERGHE, L.; PEREIRA, M. B. O papel da intimidade na relação terapêutica: uma revisão teórica à luz da análise clínica do comportamento. **Psicologia: teoria e prática**, v. 7, n. 1, p. 127-136, 2005. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Xnk5fdRPkRNGGBWGwQSGjTK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 out. 2023.